

CHUCK,

20 ANOS
DE AMOR


VIRGINIA BOUCAULT

CHUCK,

20 ANOS
DE AMOR

UMA HISTÓRIA REAL

1ª EDIÇÃO | SÃO PAULO | 2023

 Fábrika
de cânones

Copyright © Fábrica de cânones, 2023

Chuck, 20 anos de amor • Uma história real © Virginia Boucault, 2023



Editor

Eduardo Guimarães

Revisor

Guilherme Sakai

Projeto gráfico e diagramação

Regina Dantas

Imagem da capa

Paulo Sérgio Pinhal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B753 Boucault, Virginia
 Chuck, 20 anos de amor. Uma história real/
 Virginia Boucault – São Paulo : Fábrica de cânones, 2023.
 96 p.
 ISBN 978-65-85148-05-4
 1. Biografia I. Título.

CDD 800.8

(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

Fábrica de cânones
R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana
CEP: 04012-010, São Paulo – SP – Brasil
Tel: (11) 98338-2314
@fabricadecanones
fabricadecanones.com.br

SUMÁRIO

1. A VIDA ANTES DO CHUCK _____	13
2. O ENCONTRO _____	17
3. COCÔ RELUZENTE _____	19
4. O NAMORO _____	22
5. CARTAS AO RICARDO _____	24
6. DIÁSPORA DO AMOR _____	26
7. VÍNCULOS _____	29
8. NOVOS ARES _____	32
9. A FUGA _____	37
10. CABELO VERMELHO & BALEIA JUBARTE _____	40
11. NOVELA MEXICANA _____	46
12. UM PALÁCIO PARA O REI _____	50
13. DONA ARACY _____	51
14. HISTÓRIAS DA VILA RUBENS _____	54
15. NOVO VELHO LAR _____	59
16. A CURA _____	63
17. A PANDEMIA _____	66
18. O DIAGNÓSTICO _____	71
19. O FATÍDICO 1º DE MAIO _____	77
20. ENEIDÓCA _____	84
21. SONHOS _____	87
22. VEGANISMO, UM PROCESSO. _____	88
23. O AMOR _____	90
24. A LUZ DO PERDÃO _____	92



DA AUTORA

Que incrível! A história do Chuck merece ser contada num livro ou, quem sabe, num filme!

Posso dizer que foram muitos os que se expressaram dessa maneira, após ouvirem a história que contei do meu cachorro Chuck, nas praças por onde passeamos juntos nesses últimos anos.

Então, dia 8 de março de 2020, nessa manhã de domingo do Dia Internacional da Mulher, e sob o olhar atento do Chuck, hoje com quase vinte anos, aqui deitado próximo a meus pés, faço uma viagem no tempo, e começo a escrever parte da minha história que dividi com ele.

Falo um pouco sobre as minhas escolhas, sobre a qualidade de meus vínculos interpessoais e, sobretudo, a respeito de como eles podem interferir na nossa felicidade e evolução espiritual.

Espero que essa história possa também despertar no leitor o sentimento e entendimento de quão transformador é desfrutar da convivência de um animal quando o adotamos. O quanto ele pode amenizar, com o seu amor inesgotável, os nossos percalços de vida.

Porém, nada mais justo que correspondamos a esse amor dando-lhe atenção, espaço e cuidados. Se isso não for possível é melhor não adotar. Porque animal não é um brinquedo, nem algo que se dê como um presente, que possa ser acorrentado e esquecido preso num espaço restrito, cerceado de sua liberdade.

Animal é vida.

Tem inteligência, sentimentos e a inocência de uma criança.

Não merece ser descartado, abandonado em ruas ou estradas,
como fazem alguns.

Quem sabe você também se sinta inspirado a adotar
um animal?

Agora, venha comigo nessa viagem!

Espero que goste!

Virginia Boucault

Minhas homenagens são para todas as pessoas que protegem, de alguma forma, os animais de maus tratos, abandono, acidentes, atropelamentos e doenças. Às Organizações Não Governamentais e Governamentais que cuidam dos animais. A todos os voluntários que trabalham pela causa animal.

Gratidão a São Francisco de Assis, que, por inúmeras vezes, ouviu minhas orações e atendeu milagrosamente, intercedendo por animais que estavam sob a minha guarda.

Dedico esse livro ao meu neto Francesco.
Ele me devolveu a alegria de viver, sonhar e amar.

A VIDA ANTES DO CHUCK

Éramos uma família de cinco: pai dentista, mãe professora e três filhas. Eu era a caçula.

Guardo lembranças dos meus seis anos de idade, já às voltas com os cachorros domésticos naquele quintal que eu considerava mágico, porque era o lugar onde eu vivenciava todas as minhas experiências lúdicas, como as brincadeiras de comidinhas nas panelinhas com terra, folhas e pedrinhas, à sombra da jabuticabeira; pinturas nas bonecas, banhos de mangueira, e esconde-esconde com os cachorros, enterrando ossinhos pra eles procurarem. Observava curiosamente o movimento das centenas de joaninhas que, por algumas ocasiões, infestavam a plantação dos hibiscos que guarneciam o muro da casa, sempre sob o olhar atento de Catarina.

Catarina foi minha babá nos meus primeiros anos de vida. Depois, passou a cuidar da casa e a cozinhar, esplendidamente bem diga-se de passagem, enquanto minha mãe se ausentava para trabalhar como professora. Ficamos juntas por quinze anos. Minha mãe preta, é como eu a considero, me ensinou muito, como cozinhar, cantar, sambar e, sobretudo, apreciar um céu estrelado, um céu carregado de nuvens e banhos de chuva nas tardes quentes de verão. Tive a sorte de reencontrá-la após mais de quarenta anos. Pasmem, eu a reconheci pelo gingado de seu andar, numa rua central de Mogi das Cruzes, de costas, com um turbante na cabeça. Eu dirigindo e ela a pé. Paramos o trânsito. Desci do carro e nos abraçamos. Foi por demais emocionante. Desde então não perdemos mais o contato.

Fizemos alguns encontros a sós e também com minhas irmãs, na minha casa e na casa dela. Tivemos conversas ao telefone que, não raro, duravam mais de uma hora. Ela atendia ao telefone assim: Virginia? Minha filha branca?

Ela se foi em sete de junho de 2022, com 82 anos. Que bom que pudemos nos reencontrar e declarar o quanto nos amamos e fomos importantes uma para a outra.

Sobre minhas experiências com cães, a primeira lembrança é da Chita, uma cadela mestiça pastor alemão, presente do meu pai Sebastião. Acho que deu a ela esse nome, inspirado na macaca Chita da história do Tarzã, pois era uma de suas histórias preferidas. Meu pai era um exímio contador de histórias. Nas horas vagas, colocava-me em seu colo e contava-me os clássicos, como “A Branca de Neve e os Sete Anões”, imitando as falas dos anões e cantando as cantigas com coreografias engraçadas.

Que memória boa eu tenho de meu pai!

Lembro-me de pintar as unhas da Chita com esmalte branco, a cor da moda na época. Hoje tenho consciência de que esse ato é danoso aos animais, bem como qualquer outro que utilize químicas não apropriadas.

Depois, vieram outros, como o Alexandre, um pequinês preto e elétrico. Mas os vira-latas Ted e o Korrutéc (homenagens ao lutador Ted Boy Marino e ao descobridor tcheco do cometa Kohoutek) tiveram uma passagem que vale ser contada.

Certa vez, numa viagem de férias a Santos, quando fomos visitar a tia Aída e o tio Nico, meu pai contratou seu cunhado, o tio Alcides, que era solteiro, para dormir em casa e cuidar dos cachorros durante o período em que estivéssemos fora. Quando retornamos, para a nossa desagradável surpresa, soubemos que tio Alcides havia aberto o portão para os cães darem um passeio na rua e eles não retornaram mais. Não tínhamos essa

prática com os cachorros. Acredito que meu tio não quis cuidar dos cachorros e encontrou essa triste solução. Eu e minha mãe fomos então ao pátio municipal, onde ficavam os cães capturados nas ruas pela famosa carrocinha. Sabia-se que os cães permaneciam lá por um curto período de tempo, dando uma chance aos donos de reaverem seus cães. Caso contrário, eles virariam sabão. Estávamos apavoradas com a possibilidade de os cachorros já terem virado sabão, como dizia o povo. Ao chegarmos, tinha mais de uma centena de cães amontoados, latindo muito. Logo vi o Ted e o Korrutéc no fundão. Conseguimos reaver os cães após o pagamento de uma taxa.

Depois deles não tive mais cachorros.

O tempo passou e minha adolescência foi marcada por uma grande paixão: o voleibol. Pratiquei dos 12 aos 17 anos e, depois, dos 33 aos 49 anos. Jogava na posição de atacante, ponta e meia, com intervalos para cursar as universidades, casar e criar meus filhos. Treinei voleibol no Clube Náutico Mogiano para representar o Colégio Policursos, em troca de uma bolsa de estudos, e lá concluí o Ensino Médio. No mesmo período também representei a cidade de Mogi das Cruzes, participando dos Jogos Abertos e Regionais. Posteriormente, representei o Clube de Campo da cidade, já como veterana. Participei de jogos da federação esportiva paulista, bem como do Torneio Internacional da Terceira Idade em Dallas – EUA.

O esporte foi um divisor de águas na minha vida. Nele, fiz boas amizades e imprescindíveis aprendizados, como o prazer em cooperar e trabalhar coletivamente.

Minha primeira formação acadêmica foi em Arquitetura e Urbanismo. Ocupei dois cargos na Prefeitura de Mogi das Cruzes de 1993 a 2005: Coordenadora de Planejamento e Coordenadora de Geoprocessamento. Trabalhava com informações

georreferenciadas, atendendo a todas as Secretarias Municipais. Amava o que eu fazia. Era um trabalho muito dinâmico e diversificado. Aprendi muito nesse período. Saía cedinho de casa, voltava para o almoço em família, retornando ao trabalho às 13h, com expediente até as 18h. Morava bem próximo do meu trabalho.

Meus dois filhos, Renan e Matheus, com 15 e 13 anos respectivamente, volta e meia me pediam um cachorro. Porém, eu e Ricardo, meu ex-marido, resistíamos à ideia pela vida corrida que tínhamos e também por gostarmos muito de viajar para a praia de Juquehy nos finais de semana, onde tínhamos uma casa. Embora tivéssemos espaço suficiente, com dois quintais na casa que construímos e morávamos, Ricardo entendia que ter um cachorro poderia nos privar de passear e também teríamos despesas extras com medicamentos e veterinário.

Nesse período, meu casamento já não ia bem.

O ENCONTRO

Numa manhã de dezembro de 2000, na saída para o trabalho, abri o portão da garagem de casa e me deparei com um filhote de cocker spaniel inglês, de aproximadamente três ou quatro meses. A paixão me tomou de súbito por aquele cãozinho de orelhas compridas e olhar tristonho. Uma pelagem sedosa. Tinha o corpo preto, com as patas douradas. Quando me viu, saiu correndo em minha direção. Parecia estar faminto. Nesse momento, chegava a diarista Marilza, que logo pegou o animalzinho no colo. Como eu estava de saída e não queria me atrasar para o trabalho, pedi a ela que o recolhesse e o alimentasse com leite e miolo de pão (era o que tínhamos em casa) e depois resolveria o que fazer com o animalzinho. Ele ficou no banheiro da área de serviço da casa. Logo em seguida, Ricardo saiu para o trabalho, sem saber da presença do cachorro. Ele visitava todas as suas obras pela manhã, antes de ir para seu escritório de engenharia civil.

No meio da manhã, achei por bem ligar para o Ricardo e contar sobre o cachorro. Ficou transtornado, dizendo que eu não deveria ter recolhido o cãozinho e que, quando chegasse em casa, iria resolver essa situação.

Pois bem. Quando retornei para o almoço, da esquina de casa já vi o Ricardo com o cachorro no colo, indo de casa em casa na vizinhança, perguntando de quem seria o cachorro, seguido pelo Matheus, com os dedos entrelaçados como se estivesse orando para que não encontrassem o dono do cachorro.

Nenhum vizinho assumiu o cachorro.

Na primeira madrugada, o cachorrinho entrou debaixo da máquina de lavar roupa e chorou compulsivamente, sem conseguir sair, o que promoveu a ira do Ricardo, dizendo que não teria a menor condição de o animal permanecer em casa. Eu e meus filhos tivemos uma ideia. Não deixaríamos o cãozinho dormir o dia inteiro, para que ele dormisse durante a noite. E assim fizemos e nos revezamos. Era quase meia-noite e estávamos com ele no colo brincando. Foi muito engraçado, pois o cão estava praticamente desmaiando de sono e as crianças ficavam atijando o bichinho para brincar. Naquela e nas noites seguintes, ele dormiu como um príncipezinho, ininterruptamente, na sua caminha improvisada (um tapetinho numa caixa de papelão) no banheiro da área de serviço. No terceiro dia, já estávamos todos apaixonados por ele, e o Ricardo, já convencido de que o cachorro ficaria conosco. Queria dar um nome forte para ele e logo me veio à mente: CHUCK. Levei-o ao veterinário, o Doutor Américo, da Clínica Golden Dog, que posteriormente cuidou da saúde dele até o final. Foi então que soube que era um cocker raro devido à cor de sua pelagem, black and tan, de aproximadamente quatro meses.

COCÔ RELUZENTE

Os dias foram passando, e o Chuck demonstrava sua inteligência, lealdade e amor sem cerimônias. Era extremamente elétrico, característica dessa raça. Se eu voltasse para casa dez vezes, ele me receberia dez vezes com o mesmo grau de energia, pulando, me chamando para brincar com suas bolinhas e ossinhos. Corria não só pelos dois quintais da casa, como também subia e descia as escadas do sobrado, numa velocidade alucinante.

Durante as tardes, tinha o hábito de deitar sobre a escrivaninha do Matheus, que ficava encostada na parede e bem na altura da janela do quarto de estudos. A janela dava para o quintal e também vista para a rua, no segundo andar da casa. Ficava lá, ora tirando uma soneca, ora latindo para alguém que passasse pela rua, ou apenas acompanhando o Matheus nos deveres escolares.

Veza ou outra, urinava nos cantos da casa, como se quisesse demarcar seu território, apesar do vasto gramado a que tinha acesso. Quando ralhávamos com ele, apontando o local onde tinha urinado, ele baixava a cabeça como que reconhecendo o erro e ia para dentro de sua casinha. Porém, não passavam cinco minutos e lá estava novamente correndo pela casa.

Nos finais de semana em que íamos à praia, ele ficava sozinho no quintal, porque no condomínio e na praia onde tínhamos casa era proibida a entrada de animais. Ele ficava bem. Deixávamos água, comida, brinquedos e, quando retornávamos, ele nos recebia com sua usual energia.

Por um bom tempo, o Chuck desenvolveu uma tara por meias. Não podíamos deixar nossas meias à sua vista. Ele as levava para a sua casinha e lá ficava mascando como chicletes. Claro que muitas eram rasgadas e ficavam irrecuperáveis. Certa vez, quando cheguei do trabalho para o almoço, vi no quintal um cocô do Chuck que me chamou muito a atenção. O sol estava a pino e o cocô brilhava muito. Me aproximei para observar de perto e não conseguia identificar o que era aquele efeito luminoso. Decidi então pegar um palito de churrasco, aqueles de madeira, para cutucar aquele corpo estranho brilhante. Para minha surpresa acabei encontrando o meu pé-de-meia $\frac{3}{4}$, de seda, que havia sumido há uns dias do varal. O Chuck era, sem dúvida, um contumaz comedor de meias.

Certa vez, não me lembro o real motivo, tive uma discussão com os meninos. Quando começamos a nos exaltar e falar num tom mais alto uns com os outros, o Chuck apareceu repentinamente e ficou entre nós, latindo tão alto e forte para todos nós, que tivemos que parar a discussão. Era como se estivesse mandando a gente parar de gritar. Foi surpreendente. Quando paramos a discussão, ele parou de latir imediatamente. Deitou no chão e ficou nos vigiando, silenciosamente, até que fôssemos cada um para um canto da casa.

Naquela primeira fase de convívio, tínhamos uma sala de TV com lareira. Nos primeiros dois invernos, era comum ficarmos todos juntos à beira da lareira acesa, assistindo a um filme que alugávamos nas locadoras. Deitávamos nos dois sofás e num colchão no chão. E lá ficávamos, com o Chuck roendo seu ossinho ou mordendo sua bolinha, envolto numa energia quente de amor e harmonia.

O Chuck nos divertia muito. Ele aprendeu muito facilmente a nos dar a sua patinha, como um cumprimento, quando

solicitado, e deitava-se no chão com a voz de comando: Morto! Ganhava sempre um biscoito como recompensa! Tínhamos um grande sofá branco na sala de estar no piso térreo que, com o passar do tempo, com o Chuck subindo e descendo – e não havia nada mais lindo que vê-lo tirar uma soneca naquele sofá – foi ficando de uma cor inominável. Aqui chamamos de cor de “burro quando foge”. Decidimos, então, forrar o sofá numa cor próxima dessa... de “burro quando foge”, uma cor castanho meio esverdeado.

Passeávamos diariamente com o Chuck pelo bairro a pé, mas também de carro. Ele ia com a cabeça pra fora, pois adorava curtir o ventão no focinho. Certa vez, voltando de um passeio de carro pela Rua Capitão Manuel Rudge, muito movimentada, e bem próxima da minha casa, fomos surpreendidos com o salto dele pela janela! Percebemos então que o motivo do salto foi uma bela cachorrinha que possivelmente estava no cio. Conseguimos resgatá-lo graças a essa cachorrinha, que ficou meio que hipnotizada diante dele. Ambos ficaram se cheirando. Desde esse dia, imaginei que já era tempo para ele encontrar uma namorada e, quem sabe, ser papai de lindos cockerzinhos. Como não acredito em coincidências, mas sim em energias e pensamentos que se atraem, poucos dias após esse ocorrido uma vizinha me procurou perguntando se eu teria interesse em cruzá-lo com uma cocker caramelo e eu aceitei, desde que a levasse lá em casa para o encontro.